

RECURSOS HÍDRICOS DA CIDADE DE ÉVORA: (RE)INTERPRETAÇÃO DE ALGUMA CARTOGRAFIA E ICONOGRAFIA HISTÓRICAS DA CIDADE

Maria Monteiro

Divisão de Cultura e Património, Câmara Municipal de Évora

fmonteiro@cm-evora.pt

Maria Tereno

Departamento de Arquitetura, Universidade de Évora

ceuteren@gmail.com

Marízia Pereira

Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento do Território, Universidade de Évora

mariziacmdp3@gmail.com

Resumo

Évora contou desde os tempos mais remotos, com disponibilidade de água associada a um nível freático relativamente elevado, resultante de um conjunto de fatores constantes ao longo do tempo. Tendo como ponto de partida, diversa cartografia e iconografia histórica, quer da região quer da cidade de Évora, pretendeu-se identificar alguns desses recursos hídricos representados, as localizações, a importância para a cidade, assim como as respetivas utilizações. Com o diversificado e valioso espólio cartográfico e iconográfico selecionado, foi possível cruzar informações que, permitisse uma (re)interpretação da disponibilidade dos recursos hídricos da região, em particular da cidade.

Palavras-chave: recursos hídricos, território, Évora, cartografia.

Abstract

Évora has been granted since ancient times with water availability associated with a relatively high groundwater level caused by a set of factors constant over time. Starting from cartography and historical iconography from the city and region of Évora, it was intended to identify some of the water resources represented, their location, importance to the city as well as respective uses. With the valuable cartographic and iconographic estate selected, it was possible to cross-reference information that would allow a reinterpretation of the availability of the water resources of the region, with special focus to the city.

Keywords: water resources, territory, Évora, cartography.

1. Introdução e localização

O principal objetivo do trabalho consiste na análise e interpretação de cartografia e iconografia diversas as quais contêm representação de alguns dos recursos hídricos que, em parte, estiveram na génese da evolução urbana de Évora. Para isso, recorreu-se a uma análise diacrónica de iluminuras, desenhos, desenhos aquarelados, cartografia desenhada e impressa, gravura impressa em chapa, entre outros. Desde os tempos mais remotos a cidade dispôs de abundantes recursos aquíferos devido à existência de um nível freático relativamente elevado. Prova dessa riqueza é a presença, ainda hoje, de numerosos poços e fontes, estas últimas abastecidas por nascentes. Como cursos de água, situados na área envolvente, ressalte-se a ribeira da Torregela que atravessa a poente a atual mancha urbana periférica.

A cidade de Évora (38°34' N e 7°54' E) é sede de concelho e distrito do mesmo nome, pertencendo à província do Alto Alentejo e localizando-se na Península Ibérica (Fig.1).

2. Caracterização biofísica

A região eborense está integrada numa peneplanície que a sul é interrompida por relevos de baixa altitude, com exceção dos contrafortes da orografia entre Montemor-o-Novo e Valverde, que se prolongam até S. Bento (364 m), a oeste da cidade. Em oposição a este relevo, num alinhamento noroeste-sudeste, está implantada a cidade de Évora, numa elevação arredondada (310 m) onde, do ponto de vista geológico, predominam as rochas eruptivas. A este da cidade, encontram-se alguns relevos de xistos metamórficos que alcançam cerca de 280 a 290 m de altitude (Feio & Martins, 1993, pp. 149-199).

De uma maneira geral, a morfologia da região é pouco movimentada, com vertentes suaves e vales largos, integrando três bacias hidrográficas, as dos rios Sado, Tejo e Guadiana que drenam áreas aproximadas de 7640 km², 24800 km², 11800 km² respetivamente, no território português. As ribeiras do Xarrama, Degebe, Peramanca, Valverde e Viscososa são os principais cursos de água na área envolvente à cidade apresentando regimes irregulares, devido à estreita relação que mantêm com o clima da região onde se inserem e às características de baixa permeabilidade das rochas dominantes. Nesta região predomina o clima mediterrâneo, caracterizado por um inverno húmido e fresco e um prolongado período estival, quente e seco. As formações arbóreas dominantes na paisagem vegetal foram, e mantêm-se, os sobreirais (*Quercus suber* L.) e os azinhais (*Quercus rotundifoliae* Lam.), carvalhais perenífolios e esclerofitos, típicos do sul de Portugal, (Fig. 2).

3. Análise icono-cartográfica

Através de alguma iconografia e cartografia histórica conhecida, que foi considerada relevante sobre a cidade e a região, efetuou-se uma abordagem aos recursos hídricos analisando-os através desses documentos gráficos históricos, produzidos em diferentes épocas e com características distintas.

Na iluminura que faz parte da contracapa do foral manuelino de 1501, encontramos representada a riqueza aquífera que o autor quis patentear à data, nesta urbe: em primeiro plano a “Fonte das Bravas” com o respetivo tanque associado, em segundo a picota de influência árabe e, em último, a cidade eborense circunscrita ao recinto amuralhado. O fato de a representação iconográfica, organizada verticalmente, abranger o importante recurso hídrico que representa o conjunto das Bravas demonstra a importância deste local para a cidade.¹ O cromatismo utilizado no preenchimento do espaço livre envolvente à área amuralhada, com diferentes densidades e tonalidades de verde, poderá ilustrar o grau de cobertura da vegetação. Está subjacente a esta imagem, um pormenor que o autor quis que ficasse expresso na representação de uma picota que, embora insignificante relativamente à escala da representação, poderá dar uma indicação de alguma riqueza aquífera (Fig. 3).

Uma das cartas mais antigas que se conhece do território português onde está assinalada a cidade de Évora foi impressa em 1561 em Roma. Nela, para além dos núcleos urbanos, constam igualmente as linhas de água, nomeadamente aquelas que contribuíram para o abastecimento aquífero da cidade. A carta referenciada é da autoria de Álvaro Seco e está integrada na “Coleção N. Conde”. Neste documento a cidade foi representada simbolicamente através de uma forma quadrangular preenchida densamente por edificações e a rede hidrográfica traçada com rigor. Também se encontra expressa a importância que, em épocas de paz, assumia a localização fidedigna tanto das cidades como dos cursos de água. Estes últimos constituíam fonte de abastecimento e vias de circulação preferenciais quando navegáveis, entre núcleos urbanos para comerciantes e mercadorias² (Fig. 4).

Numa outra carta existente na Biblioteca Nacional de França e datada de 1667, Évora é representada com a totalidade do seu sistema de fortificações. Nesta planta aquarelada é possível identificar o traçado da arcaria do aqueduto entre o Forte de Santo António e a cidade, a muralha exterior assim como o fosso que

¹ De referir que nesta iconografia se encontra igualmente desenhada a antiga ermida, situada muito próximo deste local e dedicada a S. Sebastião. Este sítio seria seguramente um importante ponto de apoio no combate a incêndios. Durante a Idade Média, a utilização de materiais facilmente inflamáveis nas construções assim como o uso corrente de fogo dava origem a inúmeros incêndios.

² Note-se que no mapa *Nova Hispaniae Descriptio* (1610 ?), de *Jodocus-ca Hondius*, nos três extratos sociais representados lateralmente na cartela, o estrato social de “comerciante” está identificado como sendo “da Lusitânia”, o que corresponderia ao território português à data governado pelo rei de Espanha Filipe III.

a circundava, sem água³. Os restantes recursos hídricos foram secundarizados, não tendo sequer sido assinalados. A arcaria do aqueduto como edificação de porte assinalável foi representada considerando a importância que assumia ao garantir o transporte de água para a urbe, mas também como elemento vulnerável aos ataques inimigos com interrupção do abastecimento hídrico (Fig. 5).

Selecionamos também um desenho aguarelado da cidade de Évora, da autoria de Pier Maria Baldi, executado a partir da Quinta dos Meninos Órfãos no ano de 1669 e que se encontra depositado na Biblioteca Laurenciana de Florença. Nele foi representado um troço significativo da arcaria do Aqueduto Água da Prata, à época em fase de reconstrução devido a ataques inimigos. A importância que tal obra representaria para a cidade, temporariamente impedida de se aprovisionar nos pontos de distribuição públicos de água desde 1537, seria relevante. Durante os cento e cinquenta e dois anos anteriores, a cidade tinha recorrido primeiramente aos fontanários públicos do aqueduto, distribuídos estrategicamente em locais amplos pela cidade, servindo-se dos poços e cisternas como complemento a tal abastecimento. As fontes naturais então existentes no exterior das muralhas (das Bravas, dos Leões e o chafariz d'El Rei⁴) foram subalternizadas, possivelmente por estarem distantes das habitações. O fato de na imagem de Baldi não ter sido representada, no amplo espaço envolvente à cidade qualquer fonte natural, poderá significar o esquecimento a que estas, à época, estavam votadas. No pormenor desenhado da cidade e das fortificações, está patente um realismo notório, quer a nível de escala (localizações precisas), quer da representação de edifícios (Fig. 6).

Por sua vez, a planta de Jaques Chiquet, impressa em Paris no ano de 1704, mostra parte da Península Ibérica com a representação das linhas de água mais significativas, dos relevos e povoações portuguesas. Na parte superior da cartela constata-se a existência de uma iconografia da cidade de Évora rodeada por fossos cheios de água. O desenho, embora esquemático e com pouco rigor a nível de representação do edificado situado no interior amuralhado, assume um interesse notório se for visualizado como um conjunto. Trata-se da única imagem conhecida na qual os fossos que circundam a urbe estão representados com água, realçada com uma coloração azul, fazendo parte da “Coleção N. Conde” (Fig. 7).

No ano de 1715 é publicada em Leiden, uma gravura impressa representando a cidade de Évora, da autoria do cartógrafo Van der Aa numa gravura impressa em chapa. Nesta iconografia observa-se um troço bem definido da arcaria do Aqueduto da Água da Prata, compreendido entre a muralha exterior e o Convento de Santo António da Piedade, casa religiosa da Ordem dos Capuchos fundada no ano de 1576. Encontram-se representados os pequenos relevos, o conjunto das edificações defensivas constituídas pelas muralhas, baluarte e outros obstáculos que pudessem contribuir para a defesa da cidade. Realce-se a representação de algumas das torres em estado de ruína⁵. Chama-se a atenção para a ausência de representação dos recursos hídricos naturais e vegetação, com exceção da do enquadramento da imagem⁶ (Fig. 8).

Mais tarde foi desenhado o primeiro levantamento parcial da cidade amuralhada de Évora e sua área envolvente, que se encontra depositado na Biblioteca Nacional. Este magnífico e precioso documento cartográfico foi elaborado de modo a representar não só os espaços livres importantes para a defesa mas também os recursos hídricos indispensáveis à resistência da cidade em caso de ataque. A qualidade e precisão de tal documento gráfico possibilitam a obtenção de inúmeros dados para a compreensão não só do espaço, mas também dos seus recursos naturais. De referir o traçado correto da estrutura principal subterrânea do cano adutor do aqueduto desde o Mosteiro da Cartuxa até ao Convento de S. Francisco⁷; localizações precisas e as toponímias das fontes públicas abastecidas por nascentes (chafarizes dos Leões, das Bravas e d'El Rei⁸); assim como as fontes públicas providas da água do aqueduto (fontes das

³ O fato de o aguarelista ter colorido a área exterior aos fossos com uma tonalidade de verde pressupõe a existência de alguma humidade no subsolo, resultante da existência da vala que constituía o fosso. Contudo, toda a restante área envolvente apresenta-se colorida com tons ocres, mesmo as áreas com indicação simbólica de terreno arado, dando a entender que o desenho tenha sido colorido em época de estio, ou que o autor quis simbolicamente representar a secura do clima da região.

⁴ Todas elas ainda hoje existentes e com água corrente.

⁵ Mais de duzentos anos antes, na iluminura do foral manuelino igualmente tal fato se constatava.

⁶ Um agradecimento ao Professor Doutor Nabais Conde que facultou o conhecimento do documento.

⁷ Os “Paços antigos”, situados neste convento franciscano estão assinalados com o número “20”.

⁸ Todas elas ainda hoje existentes e com água.

Cinco Bicas, da Porta Nova, do Chão das Covas, da Praça e da Porta de Moura⁹). Outros pontos assinalados nos espaços, e importantes para a resistência da cidade, foram os poços, localizados maioritariamente em propriedades particulares. A ribeira da Torregela, com perfil transversal importante, constituía uma barreira natural contribuindo também para a defesa da cidade. O seu traçado foi desenhado com precisão, completado com o desenho da vegetação nas margens e taludes (Fig. 9).

Na planta do traçado do aqueduto, entre a Graça de Divor e Évora, atribuída já ao último quartel do século XIX, está representado um traçado do cano de adução de água em desenho da responsabilidade da Direção Geral das Obras Públicas do Distrito de Évora. A complementar a referida carta existe, noutra peça, o desenho do levantamento do perfil longitudinal do aqueduto extramuros, com as nascentes da Graça do Divor, as que existiam ao longo do traçado inicial e as que se localizavam nas proximidades do recinto amuralhado (Figs. 10, 11, 12 e 13).

Do traçado no interior das muralhas estão disponíveis elementos cartográficos de assinalável relevância que permitiram a realização de propostas de reconstituição do antigo traçado adutor existente, que maioritariamente se situava no subsolo¹⁰. A primeira das referidas peças gráficas data de 1900, apresentando um esquema geral do aqueduto na área interior à muralha fernandina (Fig. 14). Na segunda, uma antiga "*Planta da canalização das Águas Sertorianas*" intramuros, representa, além da estrutura principal, o traçado esquemático dos ramais domiciliários, assim como as localizações das diversas caixas de derivação e pontos para abastecimento público de água. Simultaneamente ao traçado foi-lhe associada uma iconografia dos pontos de distribuição de águas públicas, com respetivas representações das fontes daquela época. Este documento, não datado, encontrava-se ao abandono e foi cedido ao município eborense em 2 de novembro de 1906 por Diogo Machado¹¹ (Fig. 15). Numa planta de projeto também sem datação, encontra-se uma proposta viária e construtiva para a área do antigo Convento de S. Francisco, na qual era projetada, entre outros, a demolição da "Capela dos Ossos", um monumento *ex-libris* da cidade e atual polo de grande interesse turístico¹². Neste documento, o autor representou em planta o traçado da arcaria do aqueduto que ia até ao Paço Real que se situava naquele convento; os dois pontos de água públicos existentes, um no adro da igreja e outro na antiga rua do Paço (atual rua da República), provando a importância de tais dados na elaboração do projeto (Fig. 16).

A planta existente no Arquivo Histórico Militar foi elaborada no seguimento do decreto de 24-12-1904. Tal legislação atribuiu o Mosteiro de Santa Clara (edifício e cerca) ao Ministério da Guerra, considerando que seria local apropriado para a instalação de um quartel. Neste âmbito, foi providenciado o levantamento arquitetónico do piso térreo deste antigo mosteiro. Considerando o destino previsto para a construção, o autor do trabalho assinalou todos os potenciais recursos aquíferos do local, nomeadamente os poços existentes, situados no interior e exterior da construção, alguns deles entulhados. A igreja do antigo complexo religioso ficou sob a gestão da Irmandade de Nossa Senhora da Ajuda de Évora (1905 a 1917), tendo sido posteriormente entregue ao Ministério da Guerra, com a extinção da irmandade. Ficou omissa o poço situado no tardo da porta lateral da igreja e que ainda hoje existe (Fig. 17).

⁹ As duas primeiras hoje inexistentes, a terceira sem água, sendo que as duas últimas são atualmente abastecidas com água fornecida pela rede geral da cidade.

¹⁰ Sobre o assunto ver: p. 95 de *O sistema hidráulico quinhentista da cidade de Évora*. *Revista Monumentos*, Lisboa, nº 26, pp. 92-99, Abril 2007; p. 44 de *O Aqueduto da Água da Prata em Évora. Bases para uma proposta de recuperação e valorização*. Évora: U. Évora (policopiado), 1995. De referir que parte do traçado do aqueduto foi confirmado quando da realização de várias obras de infraestruturas em espaços públicos realizadas na primeira década do século XXI. Durante os trabalhos referidos alguns dos troços encontrados foram demolidos.

¹¹ Deve-se um agradecimento ao eng. Joaquim Costa que, nos anos 80, nos facultou esta peça gráfica permitindo o seu estudo.

¹² Encontram-se em fase de finalização obras de recuperação e reconstrução que tornarão o conjunto ainda mais marcante a nível turístico.

Conclusões

Com o diversificado e valioso espólio cartográfico e iconográfico analisado foi possível cruzar informações para uma (re)interpretação da disponibilidade dos recursos hídricos da região e urbe eborense constatando a importância que a água assumiu em épocas diferenciadas.

No início do século XVI, a preocupação do autor da iluminura que se encontra em anexo ao segundo foral da cidade, foi chamar a atenção de alguns aspetos relevantes na época: património construído intramuros, as casas das ordens religiosas nomeadamente a Igreja de S. Francisco em reconstrução (obras de manutenção), o denso casario, a Sé Catedral e o Paço Real com as respetivas bandeiras, a fortificação periférica, a picota, a gafaria, a Ermida de S. Sebastião e o Chafariz das Bravas.

Épocas houve em que o principal interesse representado nas peças desenhadas foi o de tornar credível a existência de um sistema defensivo eficaz da cidade relativamente a ataques vindos do exterior. Nestes casos, a representação em imagens dos fossos da cidade representados cheios de água funcionavam como reforço de uma cidade protegida, com abundância de água transmitindo a ideia de que poderia resistir a cercos prolongados. No caso dos desenhos representativos das muralhas e outras fortificações, integram sempre a representação da arcaria do aqueduto, talvez como elemento vulnerável relativamente à defesa da cidade. Tal ideia está subjacente no desenho de Baldi no qual a referida arcaria, após ataques inimigos¹³, foi reconstruída.

Na planta referente aos espaços livres existentes no interior e exterior amuralhado, a água é assumida como um bem precioso no caso de ataque inimigo, sendo que todos os pontos de abastecimento, assim como o traçado estruturante do aqueduto encontram-se representados com grande precisão, provavelmente com fins militares. Refira-se o exemplo de um levantamento, de que se destaca o Mosteiro de Santa Clara, no qual, por abranger com precisão apenas parte do edifício poderia induzir em erro, por omissão de alguns dados hídricos (poços, cisternas e valas de drenagem).

É importante o tipo de formação específico de quem executou a icono-cartografia analisada, o conhecimento do local, assim como o nível da abordagem pretendido. Por fim, pode-se concluir que o objetivo das representações analisadas foi importante, porque permitiu interpretar com mais pormenor os dados neles representados.

¹³ Este troço do aqueduto sofreu danos avultados com D. João de Áustria, aquando da Guerra da Restauração, e em 1808, devido às invasões francesas.



Fig. 1. HONDIUS, Jodocus-ca. *Nova Hispaniae Descriptio*. [a meio dos lados da cartela: habitante da Lusitânia]. Amsterdão: 1610(?). [BNE]



Fig. 2. CASTELLI, Giacomo. [extrato do mapa de Portugal. Região de Évora]. Roma: 1692. [Coleção J. Loureiro]

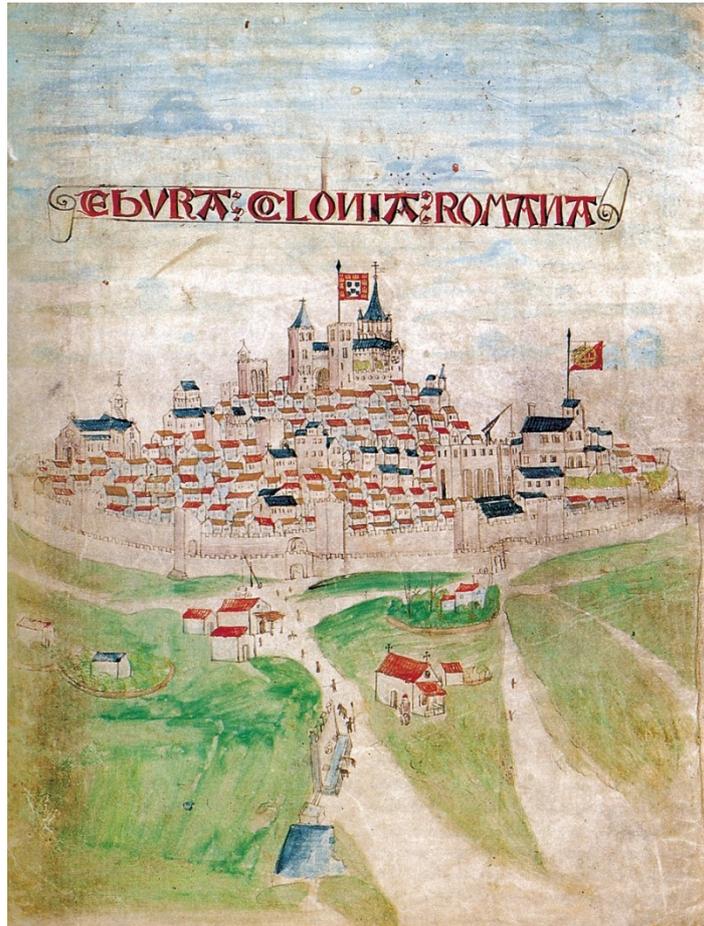


Fig. 3. [Évora em desenho aguarelado sobre pergaminho]. 1501 (?). [C.M.E./B.E.]

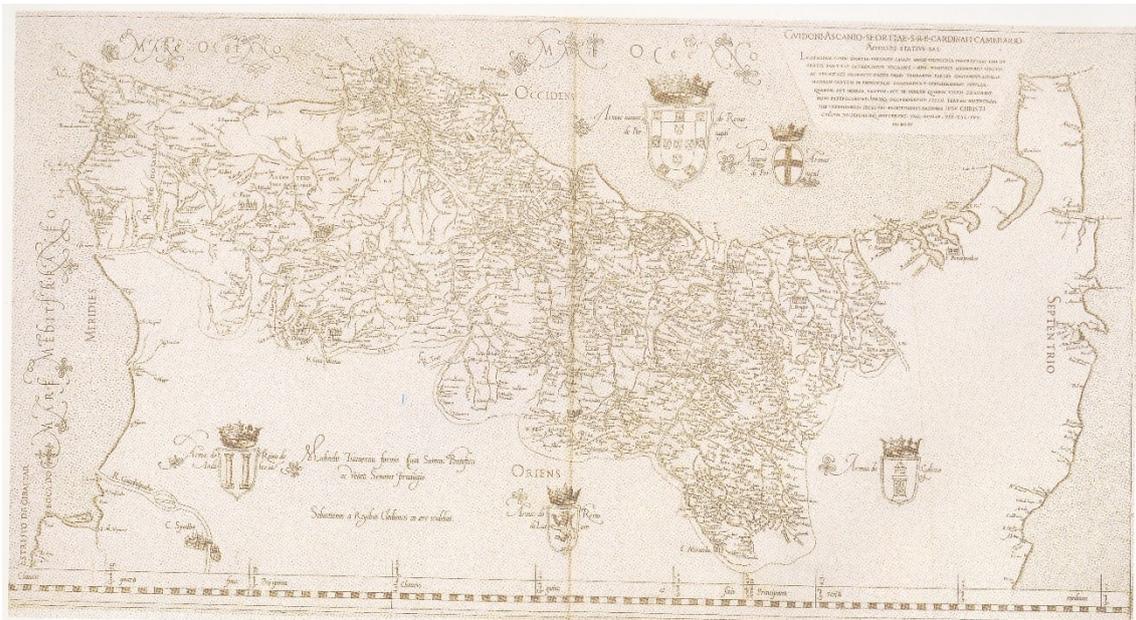


Fig. 4. SECO, Álvaro; TRAMEZINI, Michel. [1:1 100 000, 35,3 x 66,8 cm]. Roma: 1561. [Coleção N. Conde]



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Fig. 5. BOUDAN, Louis (?). *Plan de la Ville d'Évora en Portugal, Siege Archiepiscopal, et Capitale de la province d'Alentejo 1667.* [fortificações, desenho aguarelado, sobre papel]. [BNF]



Fig. 6. BALDI, Pier Maria. [Évora desenho aguarelado, sobre papel]. [Janeiro] 1669. [BF]



Fig. 7. CLIQUET. Le royaume de Portugal et partie D'Espagne tire d'Alphonso de a Costa et de Ferdyxera Geographe Portuguais. A Paris chez Chiquet rue St. Jaques a l'Image de St. Remy. [1:2400 000, 40,0 x 50,8 cm. A meio da cartela superior: Évora]. Paris: 1704 [coleção N. Conde]



Fig. 8. AA, Van der [cartografo]. Évora. [gravura sobre papel, dimensão da folha 9,2x15,5 cm]. Leiden: 1715. [coleção N. Conde: n° 966]



Fig. 9. Planta da cidade de Évora. [desenho tinta da china, aguarelado, sobre tela]. [entre 1750-1790 (?)]. [BN]

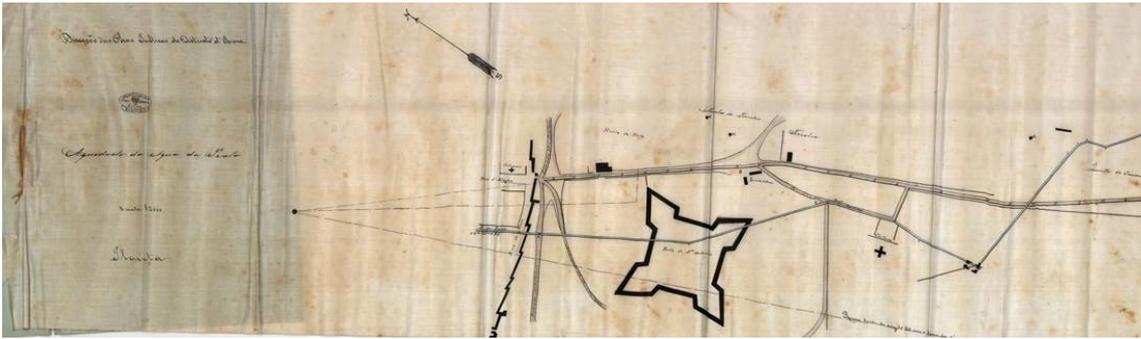


Fig. 10. Direção das Obras Públicas do Distrito de Évora. *Aqueduto da Água da Prata. Planta* [extrato da planta na zona junto à cidade. Desenho a tinta da china, sobre tela]. Évora: [sem datação]. [BE]

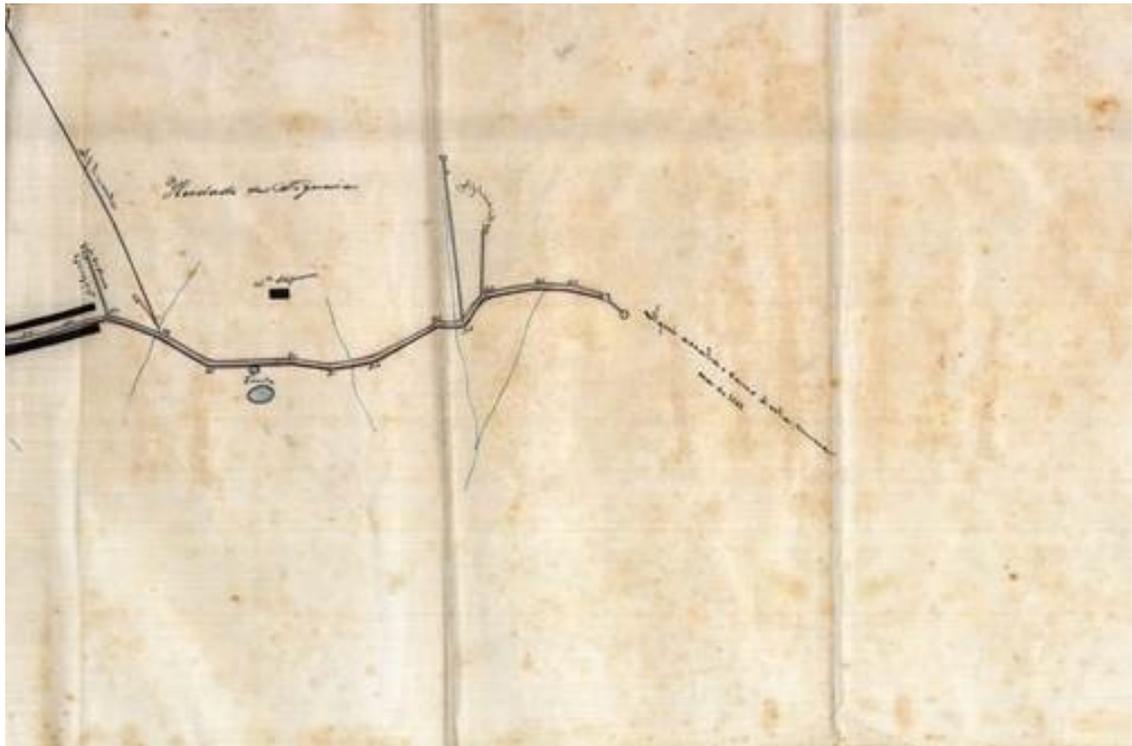


Fig. 11. Direção das Obras Públicas do Distrito de Évora. *Aqueduto da Água da Prata. Planta* [extrato na zona junto à Graça do Divor. Desenho a tinta da china, sobre tela]. Évora: [sem datação]. [BE]

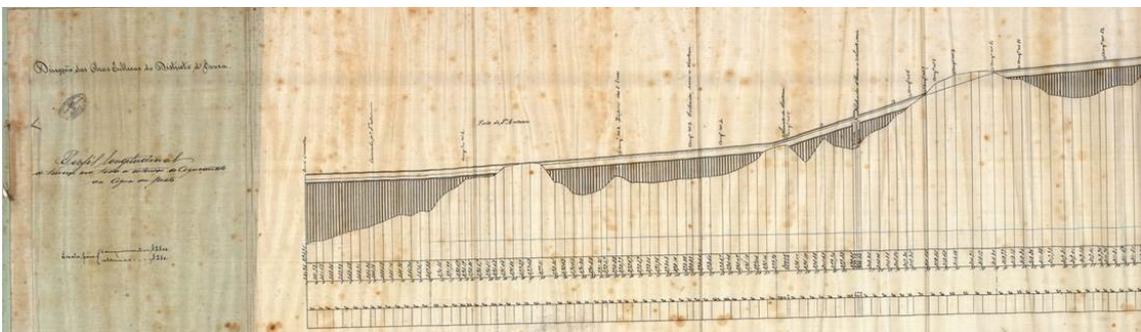


Fig. 12. Direção das Obras Públicas do Distrito de Évora. *Aqueduto da Água da Prata. Perfil longitudinal* [extrato na zona junto à cidade. Desenho aguarelado, a cores, sobre tela]. Évora: [sem datação]. [CME]

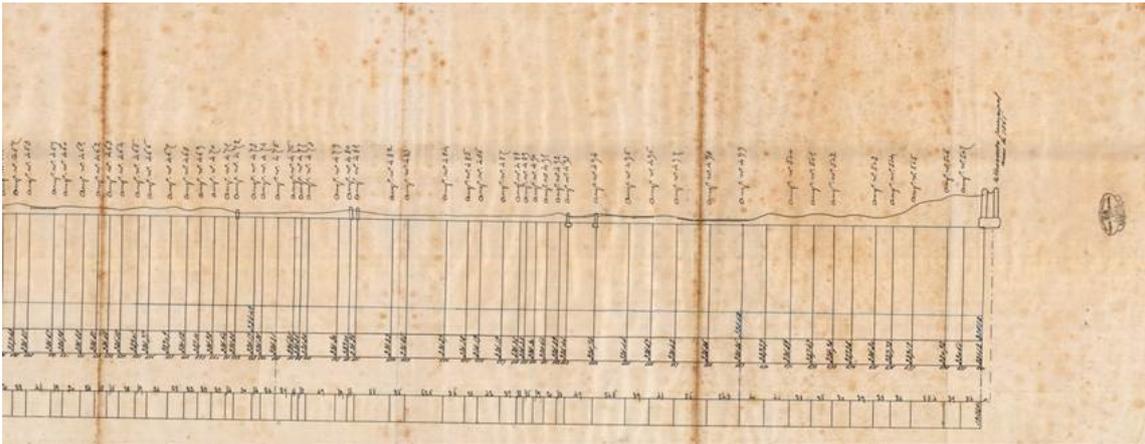


Fig. 13. Direção das Obras Públicas do Distrito de Évora. Aqueduto da Água da Prata. Perfil longitudinal. [extrato na zona junto à Graça do Divor. Desenho aguarelado, a cores, sobre tela]. Évora: [sem datação]. [CME]

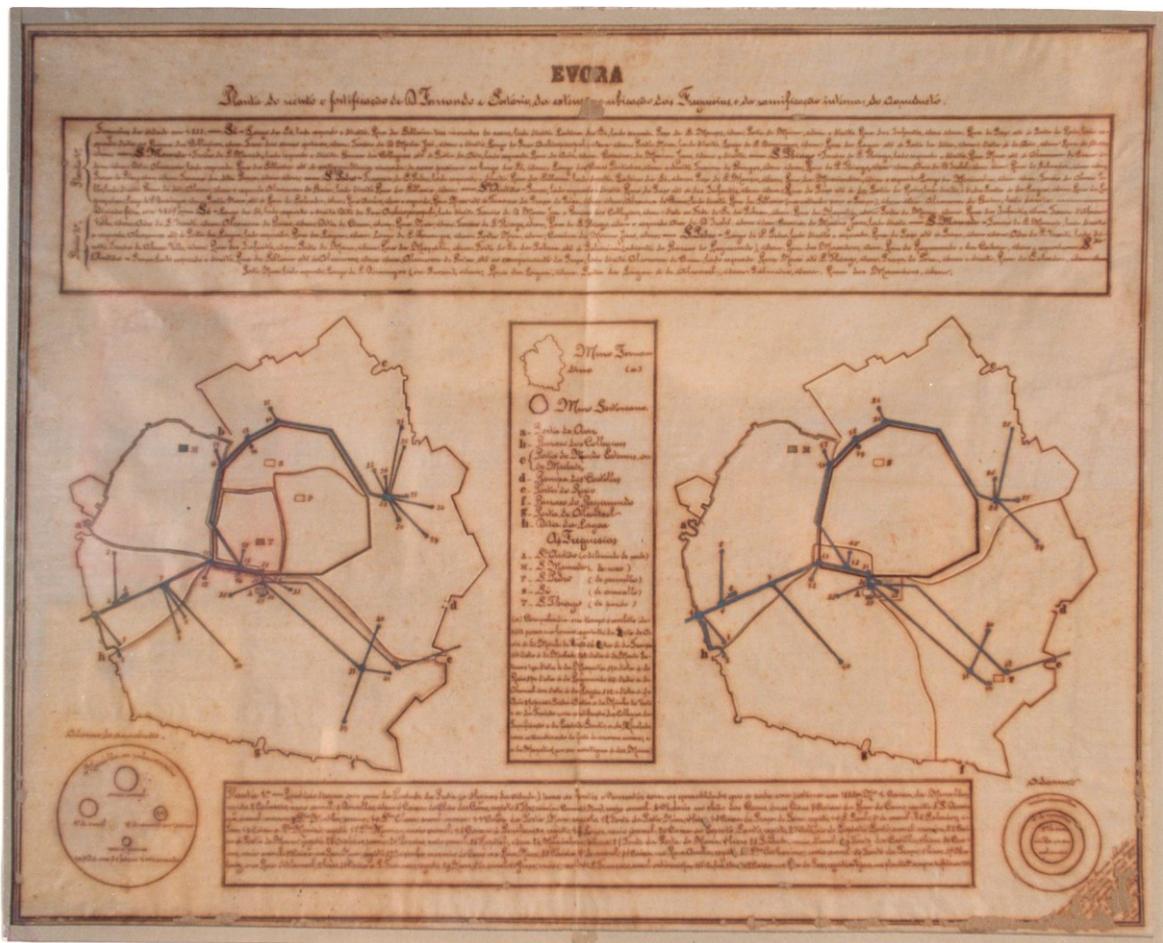


Fig. 14. Évora. [planta com esquema geral do aqueduto na área interior à muralha]. Évora: 1900. [CME]

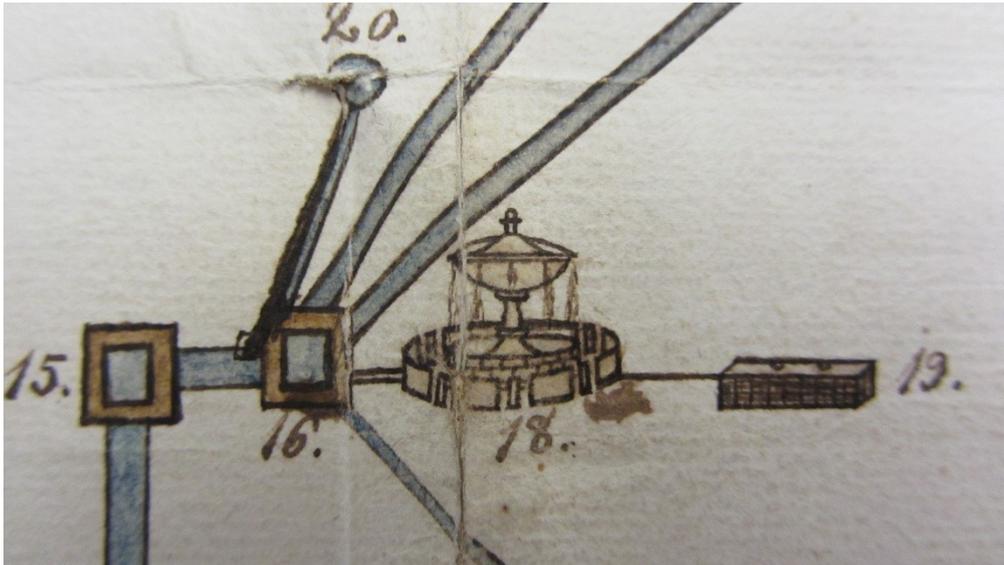


Fig. 15. Antiga planta da canalização das Águas Sertorianas intra-muros da Cidade de Évora [extrato de iluminura da fonte da Praça, tanque e caixa de derivação. Desenho a tinta da china, aguarelado, sobre papel]. [sem datação]. [CME]

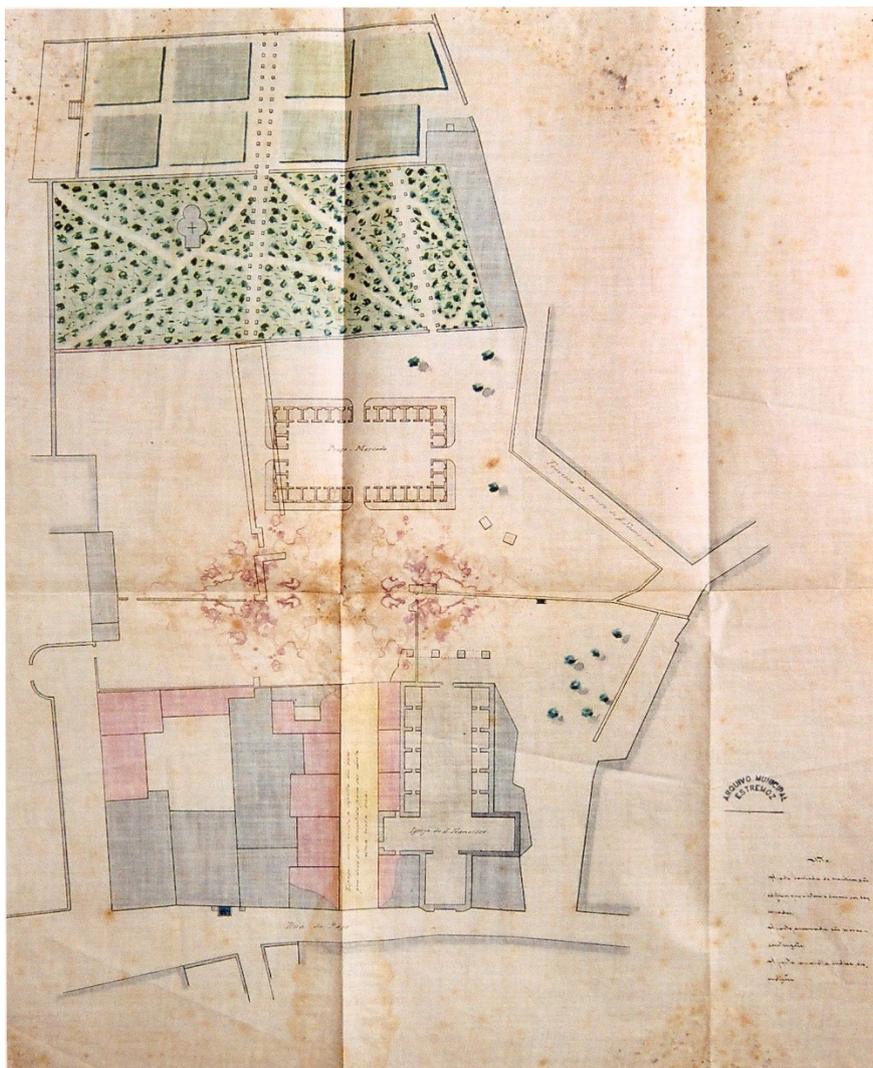


Fig. 16. [Évora. Convento de S. Francisco. Desenho a tinta a china, aguarelado, sobre tela]. [CMes]



Fig. 17. PIMENTA, J. Rodrigues. *Planta do Regimento de Infantaria nº 16 (1º piso)*. [Mosteiro de Santa Clara. Piso térreo com localização de poços. Desenho a tinta da china, aguarelado, sobre papel e colado em cartão]. Évora: 1932. [AHM]

Siglas

ADE — Arquivo Distrital de Évora
AHM — Arquivo Histórico Militar
BF — Biblioteca Laurenciana de Florença
BE — Biblioteca Pública de Évora
BN — Biblioteca Nacional (Portugal)
BNE — Biblioteca Nacional de Espanha
BNF — Biblioteca Nacional de França
TT — Arquivo Nacional da Torre do Tombo
CME — “Sala do Risco”, Câmara Municipal de Évora
CMEs — Arquivo Municipal, Câmara Municipal de Estremoz

Créditos

Fig. 1. Fonte: hdl.loc.gov. Fig. 2. Foto: Dr. J. Loureiro. Figs. 4, 7 e 8. Fotos: Professor Doutor N. Conde. Fig. 5. Fonte: gallica.bnf.fr. Fig. 6. Foto: Biblioteca Laurenciana de Florença. Fig. 9. Foto: purl.pt/26078. Figs. 10, 11, 12 e 13. Fotos: Biblioteca Pública de Évora. Fig. 16. Foto: Câmara Municipal de Estremoz. Fig. 17. Foto: Arquivo Histórico Militar. Figuras restantes. Fotos: acervo pessoal.

Bibliografia

- AAVV. *Olhar o mundo, ler o território. Uma viagem pelos mapas [coleção Nabais Conde]*. Coimbra: Instituto de Estudos Geográficos, 2004
- AAVV. *O Aqueduto da Água da Prata e o abastecimento de água a Évora*. Évora: C.M.E. e A.P.R.H., 2005
- AAVV. O sistema hidráulico quinhentista da cidade de Évora, *Revista Monumentos*. Lisboa, nº 26, pp. 92-99, Abril 2007
- AAVV. *Tesouros da Cartografia Portuguesa*. Lisboa: Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo, 1997
- CAIXARIA, Eduardo. *O Real Arquivo Militar. Cronologia Histórica e documental, 1802-1821*. Lisboa: Direção de Infraestruturas, Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar, 2007
- Coleção de cartografia “N. Conde”, Biblioteca da Universidade de Coimbra
- Coleção particular de cartografia “J. Loureiro”
- ESPANCA, Túlio. *Inventário Artístico de Portugal, vol VII – Concelho de Évora, vol. I*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1966
- ESPANCA, Túlio. O Aqueduto da Água da Prata. *A cidade de Évora*. Évora, nºs 7-8, pp. 84-117, Junho-Setembro 1944
- FEIO M. & MARTINS A. *O relevo do Alto Alentejo (traços essenciais)*. Lisboa: Finis terra, XXVIII, 55-56, 1993, pp: 149-1999
- LEGUAY, Jean-Pierre. *La pollution au Moyen Age*. Paris: Jean-Paul Gisserot, 1999
- LEGUAY, Jean-Pierre. *L’eau dans la ville au Moyen Âge*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2002
- MONTEIRO, Filomena. *O Aqueduto da Água da Prata em Évora. Bases para uma proposta de recuperação e valorização*. Évora: U. Évora (policopiado), 1995

SWIFT, Michael & KONSTAM Angus. *Cidades do Mundo Renascentista — mapas do Civitates Orbis Terrarum*. Lisboa: Bertrand Editora, 2008

SWIFT, Michael. *Mapas do Mundo*. Lisboa: Bertrand Editora, 2006